

**“MÃE DOS LGBT”:
Performances (digitais) de Adele e seus fãs brasileiros
pela comunidade LGBTQIAPN+
“LGBT Mother”**

Guilherme Alves da Silva¹

Resumo:

O objetivo desta pesquisa é aprofundar os conceitos da inter-relação entre diva pop e fãs, a partir da adesão de causas sociais como parte importante da construção de uma identidade performática. O fã, devido aos meios digitais, passa a ter um maior controle sobre as ações das divas, por meio das materialidades digitais nas plataformas. Para isso, foram analisados seis conteúdos da cantora pop Adele em prol da comunidade LGBTQIAPN+, disponibilizados pela conta @adeleonlinecom no X (antigo Twitter), utilizando os métodos mistos propostos por Recuero (2016). Justifica-se esta pesquisa a partir das fluidas percepções sociais entre devotos e deusas (Soares, 2020), de forma a aprofundar e melhor compreendê-las. Conclui-se que, a presença de reações em maioria positivas e a favor da cantora, além da utilização de “mãe” como forma de representação do acolhimento proporcionado por Adele, e por último, comentários julgando e a caracterizando como “lacradora”.

Palavras-chave: ativismo fã; diva pop; cultura pop.

Abstract:

This research aimed to delve into the relationship between pop divas and their fans, focusing on the role of social activism in shaping a performative identity. The study analyzed six posts by pop singer Adele supporting the LGBTQIAPN+ community, found on the @adeleonlinecom account on X (old Twitter), using the mixed methods approach proposed by Recuero (2016). The research is justified by the fluid social perceptions between devotees and goddesses (Soares, 2020), seeking to deepen and understand these dynamics. The results indicate a majority of positive reactions in favor of the singer, with the use of "mother" as a representation of Adele's welcoming presence. Additionally, comments judging and characterizing her as "lacradora".

Keywords: fan activism; pop diva; pop culture.

¹ Mestrando em Comunicação pela Universidade do Estado do Rio de Janeiro (UERJ), com bolsa Capes. Graduado em Comunicação Social: Publicidade e Propaganda pela Universidade Veiga de Almeida (UVA) – e-mail: guialvessd99@gmail.com.

Introdução

O artista não pode ser somente alguém com talento, ele precisa ser uma inspiração. Essa é uma das dinâmicas perpetuadas na relação fã-ídolo da atualidade. Além de um indivíduo capaz de alcançar um grande público, emana uma força positiva e posicionada nas demandas em alta na sociedade, em especial dentro das plataformas digitais, as quais apresentam procedimentos acelerados e fluidos, exigindo uma participação mais cotidiana e imediata.

Por outro lado, as divas pop se consolidam como artistas mulheres da cultura pop capazes de mobilizar audiências e influenciar públicos (Soares, 2020). Devido às rápidas mudanças digitais, as relações entre fã e diva se modificam e dão espaço a um devoto muito mais crítico e exigente, que, a todo momento, se coloca como um fiscal desta artista a confirmar se suas performances compõem a identidade desejada pelo seu público.

Logo, a proposta deste texto é analisar de forma introdutória, a necessidade contemporânea da modulação de uma identidade, a partir da perspectiva dos fãs. Como ela é influenciada pelas performances de gosto de cada um e, com isso, proporcionam o desenvolvimento de materialidade digitais a favor de seus ídolos.

Em segundo, será apresentado a fundamentação de diva pop, utilizando as perspectivas de Soares (2020) e Lister (2020), além de uma breve exploração da etimologia da palavra “musa”. Além disso, também será apresentado o vínculo afetivo entre a comunidade LGBTQIAPN+ e as divas, o qual ocasiona um fã mais ativista, crítico e analítico, buscando sempre avaliar se a identidade performada pela artista condiz com suas expectativas.

Por último, será realizada uma análise da diva pop, Adele Adkins, utilizando a metodologia dos métodos mistos propostos por Recuero (2016), englobada pela análise de redes sociais e etnografia digital. O objetivo da análise é elencar as materialidades digitais produzidas pelos *Daydreamers* (*fandom* da Adele) no X (Twitter), a partir da página de fãs Adele Online (@adeleonlinecom), evidenciando as performances executadas pela cantora em benefício da comunidade LGBTQIAPN+, durante sua residência² em Las Vegas. O X foi selecionado devido à sua alta produtividade de interações entre usuários, além da acelerada produção de conteúdo. O critério para a seleção da página se dá pelo alto número de seguidores, totalizando uma média de 16,2 mil. O perfil possui também uma conta no Instagram chamada: Adele Online - Fã Clube (@siteadeleonline), contemplando somente 44 seguidores. Logo, a pesquisa será direcionada para o X.

1. Performance de gosto de fãs como construção de identidade

Os fãs são conhecidos pela sua intensa força e proatividade em prol de seus ídolos e afetos. Pereira de Sá (2016) relata que os fãs, tal qual os *haters*, são conhecidos por sua importante participação para o desenvolvimento do ídolo em si. Isso ocorre de diversas maneiras, dentre as mais simples como o ato de consumir sua produção ou engajar em determinados conteúdos, até aspectos mais complexos, como a própria criação de novos conteúdos (memes, *fanfics*, etc.) e a apropriação de atos ativistas. Essas práticas aqui serão denominadas de performances conforme utilizado em produções como Montardo & Valiati (2021) e Amaral & Carlos (2016).

² “Elas são uma série de shows feitos por um mesmo artista durante um longo período de tempo nos cassinos e resorts da cidade.” (TRACKLIST, 2021) - Disponível em: <https://tracklist.com.br/katy-perry-vegas/99264#:~:text=Mas%20o%20que%20são%20as,sinal%20de%20estagnação%20na%20carreira>. Acesso em: 4 jul. 2024

Tais performances são as formas que os fãs encontram de se expressar e demonstrar seus afetos. Dentro deste nicho, encontramos a performance de gosto (Hennion, 2007; 2011):

O gosto como trabalho supõe também um engajamento do corpo que degusta. Mesmo aí não há nada de mecânico: esse corpo que degusta não é um dado natural. Ele é o produto da atividade, é um engajamento que vai do treinamento das faculdades – no sentido quase esportivo da expressão – no longo prazo ao caráter ativo da colocação de si próprio em condição no momento de degustar (no momento da performance, para permanecer na imagem esportiva) (Hennion, 2011, p. 262).

A pessoa fã, por si, se coloca como um executor de performances as quais são características para definirem sua identidade. Não somente um simples gosto, mas sim, toda uma construção identitária que exige a presença de todas essas expressões para poder ser executada. Elas se tornam ainda mais acentuadas quando colocadas em junção aos algoritmos das plataformas, os quais são responsáveis por colaborar com sua criação e personalização (Montardo; Valiati, 2021), consolidando ainda mais o valor identitário.

Além disso, cabe aqui realizar uma breve descrição de identidade. Em Polivanov (2019), a autora propõe uma análise do conceito de identidade, construindo seu argumento a partir das performances nas redes sociais. Nela, a identidade contemporânea seria contemplada por “*performance*, autorreflexividade, fluidez e dinamismo” [grifo original] (Polivanov, 2019, p. 117), revelando a presença da necessidade de executar uma “coerência expressiva” — essa expressão será um pouco mais elencada no próximo segmento.

Em uma outra perspectiva, a cultura pop é um macroambiente relevante para se pensar a performance de gosto, nela somos capazes de absorver parte de seus aspectos para construir a nossa própria identidade, justamente devido a sua flexibilidade (Amaral; Carlos, 2016). Os fãs, os *haters*, os antifãs e outros utilizam e reivindicam esse espaço como forma de se ampliarem e apresentarem-se ao mundo, a partir de suas práticas e narrativas (Pereira de Sá, 2016). Entretanto, para esta produção, só será analisada a perspectiva fã.

As plataformas e as redes sociais entram como meios relevantes para a produção e disseminação dessas performances, assim como os *streamings* conforme relatado por Montardo e Valiati (2021) — principalmente quando pensamos na sociedade entrelaçada pelo físico e o digital, de forma a não se perceber mais a separação entre eles. As identidades dos fãs surgem como uma forma de posicionamento de seus gostos e, conseqüentemente, produzem materialidades digitais (Bollmer, 2019), como por exemplo: a produção de memes, *shippagem*³, ativismo de fãs, *scanlation*⁴ (Amaral; Carlos, 2016) e entre outras.

Representações não podem ser pensadas como efêmeras ou imateriais; elas sempre existem por um meio e atuam para produzir efeitos materiais. Representações são materiais por conta de suas performatividades, como elas permitem corpos específicos se materializarem, e como eles colocam corpos em oposição [Tradução do autor] (Bollmer, 2019, p. 173).

A disseminação dessas materialidades compõe o fã dentro das redes, assim como exposto anteriormente, elas são executadas das mais variadas maneiras. Podemos percebê-las a partir das interações simplórias, como os comentários, compartilhamentos e curtidas, conforme relatado previamente por Amaral e Carlos (2016) em sua análise das práticas do *scanlation* nas plataformas. As produções fãs incorporam suas identidades e as tornam mais autênticas. Não só para preencher um vazio ou saciar um desejo, mas, também, inseri-lo dentro de um grupo o qual irá acolhê-lo, como ocorre dentro dos *fandoms*.

2. De olho na diva: práticas ativistas como forma de controle

³ A prática é representada por união de fãs “para promover seus casais favoritos de novelas e seriados.” (Amaral; Souza; Monteiro, 2015, p. 149).

⁴ O *scanlation* é uma prática em que os fãs traduzem conteúdos literários de outras línguas, em especial a japonesa, e disponibilizam a todos gratuitamente online. (Amaral; Carlos, 2016).

Em uma outra vertente, surgem as divas pop, as quais são percebidas na atualidade como “uma dimensão de poder da mulher-artista. Fama, requinte, estilo de vida, celebridade. Uma ‘vida diva’. Glamour, fuga do presente e sublimação” (Soares, 2020). Seguindo essa premissa, chegamos à proposta de uma mulher dotada de uma influência e relevância dentro de um mercado artístico.

Outra perspectiva sugerida por Soares (2020) é relacionada à figura da musa ou sinônimo da palavra “deusa”. Um outro sentido para a palavra “musa”, do grego *moûsa*, pode ser oferecido a partir do significado da palavra introduzido pelo dicionário Michaelis (s.d.) como sendo: “cada uma das nove deusas, filhas de Zeus e Mnemósine, que presidiam às ciências e às artes”, ou seja, personagens mitológicas consagradas como presenças representantes dos ramos artísticos e científicos.

Com isso, é possível conceber musa como uma mulher provida e nomeada para a execução da arte, trazendo em si, novamente, a ideia de detenção de poder e adoração de seus devotos, ou como Soares (2020) também utiliza, seus fãs. A prática da diva já havia sido elencada anteriormente por Linda Lister (2020), a partir do processo de “divatização”.

A proliferação da adoração à diva pode ser devida, em grande parte, ao culto à celebridade que domina a sociedade contemporânea. [...] Enquanto suas divas cantam no palco, fãs obedientemente dublam todas as palavras, projetando seus próprios sonhos em seus ídolos femininos enquanto assumem em si, em pequena parte, a persona da diva (Lister, 2020, p. 122).

Em sequência, as divas, assim como exposto por Lister (2020), realizam performances as quais seus fãs buscam reproduzir e encenar de forma a personificar essa representação artística. Entretanto, elas não só cativam um público feminino como forma de representação, este comportamento pode ser também verificado na comunidade LGBTQIAPN+. Tendo em vista que, muitas das vezes, pela falta de artistas para se espelhar, as divas utilizam de seu espaço e influência em prol desta comunidade.

Artistas como Cher, Madonna, Lady Gaga⁵ e diversas outras optaram por dispor de sua voz a favor dos fãs LGBTQIAPN+, por meio de suas produções para a cultura pop e suas performances, consolidaram sua imagem como personificações importantes dentro dessa comunidade.

O vínculo entre fã e ídolo torna-se forte a ponto dessas famosas precisarem incorporar tais práticas performáticas em seus shows como forma de manter, assim como discutido anteriormente sobre os fãs, uma identidade consistente e presente em causas sociais, ou seja, a necessidade de executar uma “coerência expressiva”, termo utilizado por Polivanov (2019).

Nossas performances cotidianas não apenas se dão entre atores, equipes e plateias [...], mas também envolvem agentes outros, que vão desde políticas de funcionamento de empresas, a algoritmos que selecionam quais conteúdos iremos ver e perfis criados por softwares que simulam ações humanas de modo que não sabemos nem distinguir em alguns momentos se conversamos com outra pessoa ou um bot (Polivanov, 2019, p. 117).

A aderência do termo “coerência expressiva” não se justifica somente a causas sociais, mas sim, tal qual proposto por Polivanov (2019), compor uma identidade coesa em todos os ramos da nossa vida. No caso das divas, uma identidade semelhante entre sua vida pessoal e profissional, física e digital.

Os devotos, por sua vez, cobram dos artistas essa coerência e se colocam como vigias desta diva. O papel desse fã se transforma em uma atividade além daquela que somente oferece o afeto e elogios, mas incorpora, também, o trabalho analítico de verificar o que

⁵ Para saber mais, verificar: SAIBA POR QUE CHER É A MAIOR diva GAY DA HISTÓRIA. Disponível em: <https://virgula.me/famosos/saiba-porque-cher-e-a-maior-diva-gay-da-historia/>. 2012. Acesso em: 5 de jul. 2024; Relembre momentos em que Madonna provou ser aliada LGBTQIAPN+. Disponível em: <https://www.metropoles.com/colunas/pouca-vergonha/relembre-momentos-em-que-madonna-provou-ser-aliada-lgbtqiapn>. 2024. Acesso em: 5 de jul. 2024; Por que Lady Gaga é um marco LGBT na cultura pop? Gloria Groove explica. Disponível em: [https://entretenimento.uol.com.br/noticias/redacao/2020/06/23/por-que-lady-gaga-e-um-marco-lgbt-na-cultura-pop-gloria-groove-explica.htm#:~:text=Desde%20o%20começo%20da%20carreira,a%20celebrar%20o%20amor-próprio](https://entretenimento.uol.com.br/noticias/redacao/2020/06/23/por-que-lady-gaga-e-um-marco-lgbt-na-cultura-pop-gloria-groove-explica.htm#:~:text=Desde%20o%20começo%20da%20carreira,a%20celebrar%20o%20amor-próprio.). 2020. Acesso em: 5 de jul. 2024.

pode ou não ser feito. Uma das prováveis vias para esse tipo de atividade é influenciado a partir das causas sociais, ou seja, é possível se ter a percepção dessa mudança devido a processos ativistas acoplados a práticas do ativismo de fãs.

Fãs ativistas talvez não tenham outro laço social além dos seus interesses no mundo de um conteúdo em específico, ao redor e através os quais eles se juntam, interagem, e desenvolvem um senso de identidade coletiva que talvez seja mobilizado em favor de uma ação coletiva [Tradução do autor] (Brough; Shresthova, 2012, n.p.).

Os fãs utilizam as plataformas e redes sociais como locais de amplificação de atos ativistas, devido a alta conectividade e rápida disseminação de conteúdo (Van Djick, 2013), por meio da produção de materialidades digitais (Bollmer, 2019), a fim de promover ou “cancelar” determinado ídolo/artista (Govari; Vieira; Tabasnik, 2024). Logo, as divas pop, como personagens fundamentais na construção da relação fã-ídolo, não estariam fora dos alcances desta conduta.

A proposta de uma plataforma com usuários engajados e produtores de materialidades se confirma, ainda mais, quando pensamos pela perspectiva de Pereira (2021), onde a sociedade contemporânea se contempla em uma imersão no entretenimento como forma de comunicação, os quais se somam às características expansivas da cultura pop.

No início do século XXI, surge uma variedade de divas, cantoras poderosas e dispostas a cativar seus públicos, dentre elas Adele Adkins. Com isso, para confirmar as práticas até aqui conceituadas, será analisado as materialidades digitais criadas pelos fãs da cantora, a partir de seus shows de residência ocorridos entre novembro de 2022 até junho de 2024, tendo como ênfase as performances e materialidades da própria Adele em prol da comunidade LGBTQIAPN+ utilizadas para construir sua identidade de diva pop.

3. “Diva faz assim”: análise das performances e materialidades de Adele e seus fãs

Avante a discussão sobre divas na cultura pop, a cantora pop Adele Adkins destaca-se pela sua presença e seus atos interativos em seus shows. Após o período pandêmico da Covid-19, a artista anunciou a execução de uma série de shows em Las Vegas, mais conhecidos como “*Weekends with Adele*”, contemplado por 45 apresentações entre novembro de 2022 até junho de 2024⁶.

Durante as suas apresentações, Adele é representada a partir da execução de performances e materialidades as quais configuram a criação de sua identidade, a qual é constantemente colocada em prova, passando por análises constantes de seus fãs, de forma a manter uma “coerência expressiva” (Polivanov, 2019). Logo, os fãs, e conseqüentemente os *haters* (Pereira de Sá, 2016), possuem um papel indispensável na validação dos atos da diva, estipulando o que é certo ou errado, bom ou ruim.

Portanto, como forma de complementar o argumento até aqui sustentado, serão analisadas as reações dos devotos da cantora, os quais se expressam a partir de materialidades digitais (Bollmer, 2019) nas plataformas. O X (Twitter) foi escolhido devido a sua conectividade e alta produção de conteúdos personalizados por meio dos comentários e curtidas. A análise será, em um primeiro momento, somente às práticas em prol da comunidade LGBTQIAPN+, contemplado pelos seguintes vídeos:

⁶ Para saber mais, verificar: *Adele Extends 'Weekends With Adele' Vegas Residency Through 2024 - See the Final Dates!*. Disponível em: <https://www.justjared.com/2023/10/20/adele-extends-weekends-with-adele-vegas-residency-through-2024-see-the-final-dates/>. 2023. Acesso em: 26 de ago. 2024.

Vídeos das performances e materialidades de Adele para a comunidade LGBTQIAPN+

Link	Descrição	Curtidas	Comentários	Compartilhamentos
1	Adele desejou um Feliz dia do orgulho, menos para o homofóbico que estava na plateia e ainda apontou para ele. 🏳️‍🌈	800	8	126
2	LEGENDADO - Adele rebate a um homofóbico que estava na plateia após ele gritar que “Orgulho é uma merda” em seu show hoje à noite!	3000	46	689
3	Adele dá resposta em uma pessoa que gritou que o Mês do Orgulho LGBTQIAP+ “é uma m*erda”. “Você vem ao meu show dizer que o mês do orgulho é uma m*rda? Não seja tão ridículo! Se você não tem nada legal para dizer, cale a boca, tá certo?”.	312	3	62
4	Adele em recente publicação no seu story do Instagram depois de perder seguidores por conta do seu último post comemorando o orgulho nos shows da #WeekendsWithAdele nesse final de semana.	116	1	18
5	“Você gosta do toque de cor que estou usando? estou comemorando o orgulho com você esta noite” — Adele esta noite. 🏳️‍🌈 #WeekendsWithAdele	291	3	66
6	ORGULHO!!! Adele com a bandeira LGBTQIA+ durante o segundo show no Hyde Park, em Londres. #AdeleBST 🏳️‍🌈	295	1	52
Total		4.814	62	1.013

Tabela 1 - Fonte: Dados coletados a partir da análise de posts do perfil @adeleonlinecom pelo autor da pesquisa - Feita em: 26 ago. 24.

As práticas de controle aqui representadas não são executadas de forma direta e aparente, mas sim, intrínsecas em materialidades digitais comuns dentro da plataforma. Elogios e discursos a favor da cantora são os principais métodos de expressão. Contudo, antes de verificar as expressões fãs, irei descrever brevemente as performances e materialidades executadas pela cantora Adele durante sua residência em Las Vegas:

1- O primeiro vídeo diz respeito a cantora Adele, em seu palco, desejando ao seu público: “feliz mês do orgulho”. Entretanto, o conteúdo se destaca devido a continuação da fala, em que ela não direciona essa performance ao único integrante homofóbico em sua plateia (em outras palavras, um *hater*). O vídeo se encerra com aclamações e gritos dos fãs;

2- O seguinte ocorre em um período anterior elencado no “1”, em que o hater grita “Orgulho é uma m*rda” (“*Pride Sucks*”). Adele, então, confronta a atitude do homem, defendendo a integridade e ofendendo o mesmo com comentários como: “Você é estúpido?” (“*Are you f*cking stupid?*”) e solicitando que ele cale a boca. Novamente se tem, também, a presença dos fãs comemorando e aprovando as atitudes da cantora em defesa da comunidade LGBTQIAPN+;

3- O terceiro vídeo remete ao mesmo conteúdo apresentado no segundo. A diferença apresentada está somente no idioma, em que este não apresenta legendas em português;

4- O quarto conteúdo é uma gravação de um stories postado por Adele em seu Instagram. No conteúdo é apresentado um *GIF* de um homem mandando um beijinho para a câmera com um sorriso irônico. Embora pareça não ter ligação direta com as performances anteriores a comunidade LGBTQIAPN+, o vídeo em questão foi postado após as redes sociais da cantora estarem apresentando uma queda de seguidores, devido ao seu

posicionamento a favor da causa LGBTQIAPN+, de certa forma, Adele estaria ironizando o fato da perda e feliz com a saída dos mesmos — é válido ressaltar também que a cantora não costuma postar em suas plataformas, logo, criou-se um vínculo ainda maior dela com a causa;

5- O quinto conteúdo analisado diz respeito a duas fotos, uma com Adele sentada junto a seu pianista e outra em que ela se encontra em pé ao lado do piano. O ponto forte dessa imagem para a análise está na cauda do vestido, em que ela incorpora uma gama de tecidos coloridos fazendo alusão a bandeira do movimento LGBTQIAPN+;

Figura 1 - Adele em seu vestido inspirado na bandeira LGBTQIAPN+ ao lado do piano.



Fonte: @adeleonlinecom - <https://x.com/adeleonlinecom/status/1669912476517912576>.
Acesso em: 26 ago. 2024

6- E por último, de forma extra, algumas fotos da Adele performando enquanto segura, abraça e enrola a bandeira LGBTQIAN+ em seu corpo durante sua apresentação no *Hyde Park* — é importante elencar que este último item de análise não ocorreu durante a sua residência em Las Vegas, mas sim, alguns meses antes em julho de 2022. Entretanto torna-se importante essa menção de forma a consolidar a imagem construída da cantora junto ao mês do orgulho LGBTQIAPN+.

Em sequência, os comentários serão analisados como forma de completar este estudo, é importante ressaltar que não serão colocados as informações diretas dos fãs nesta produção, pois, objetiva-se evitar a exposição de tais perfis, mantendo assim a integridade de suas “personas” digitais.

Os comentários do primeiro vídeo elencado dispõem de unanimidade positiva, ou seja, somente é contemplado por materialidades a favor da cantora, dentre elas: a) a exposição do carinho/amor por Adele; b) elogios a sua atitude afrontosa contra um homofóbico; c) elogios e emotes genéricos. Já para o segundo conteúdo, existe uma maior quantidade de interações e comentários. Dentre eles, podemos elencar as seguintes reações: a) caracterização da cantora a partir do conceito de “mãe”, fazendo alusão ao acolhimento materno proporcionado por Adele para com seus fãs; b) elogios direcionados a sua atitude e “classe” em lidar com o homofóbico presente; c) utilização de memes para complementar o comentário, ex.: o meme da Karol Conká - “Minha língua é igual chicote”; d) por último, a presença de uma pequena parcela de materialidades dando razão ao comentário homofóbico.

Para o terceiro vídeo, novamente ocorre uma unanimidade positiva de interações, voltados para a expressão do amor pela cantora. Assim como no segundo, a definição de Adele a partir de uma figura materna (“...Mãe”) — um ponto a se elencar, diz respeito à proximidade possível de ser discutida entre o simbolismo de “mãe” e “deusa” (Soares,

2020). A deidade, ou a diva, ocupa esse espaço de acolhimento com seus devotos e se conecta a um amor, papel de carinho esse proferido ao materno. O quarto, referindo-se a gravação de um *stories* da cantora em seu Instagram, destaca-se a partir da exaltação da cantora por um fã.

No quinto e sexto vídeos, representados pela presença da bandeira do movimento LGBTQIAPN+, no vestido e nas mãos dela, respectivamente. Para essas duas produções, em contrapartida aos quatro primeiros, tem-se uma predominância de materialidades de confusão e desgosto das práticas da cantora. Questionando, em um momento inicial, sobre as cores utilizadas por Adele em seu vestido e se realmente estava correta, e, outra, afirmando que o ato da artista era somente em busca de “lacrar”, fazendo assim, uma crítica ao movimento da comunidade LGBTQIAPN+.

Considerações finais

Conforme o estudo realizado, foi possível constatar traços do imaginário da diva Pop atual. Desde a etimologia da palavra, provinda de “deusa” (Soares, 2020) somada às representações da Musa grega, a diva cumpre seu papel de entreter seus súditos de forma a manter o seu status elevado. Entretanto, a cultura pop da atualidade exige, cada vez mais, a criação e definição de identidades, em especial, a partir da consolidação das plataformas. A “coerência expressiva” (Polivanov, 2019) se mostra mais presente nas dinâmicas cotidianas e digitais, de forma ao devoto, ou fã, passar a exigir de sua “musa”, uma postura mais condizente ao que eles esperam dela. Podendo ser percebida por meio do “ativismo fã” (Brough; Shresthova, 2012).

Logo, a partir destas definições, foi realizada uma análise de quatro vídeos e cinco fotos, em que a cantora Adele constrói parte de sua identidade a partir de causas sociais, como o “mês do orgulho” para a comunidade LGBTQIAPN+. Com isso, foi possível perceber,

uma maioria de materialidades digitais voltadas para exaltação da cantora e suas atitudes em prol da causa, além disso, também foi constatada a presença do imaginário do materno em prática, sendo percebida a partir da palavra “mãe”, ao qual refere-se a uma visão carinhosa e acalorada dos *Daydreamers* com Adele. Por último, e contrário aos anteriores, a presença de comentários minimizando as atitudes dela, colocando-a como “lacradora”.

Referências bibliográficas

AMARAL, Adriana Rosa.; CARLOS, Giovanna. **Fandoms, objetos e materialidades:** apontamentos iniciais para pensar os fandoms na cultura digital. In: FELINTO, Erick; MÜLLER, Adalberto; MAIA, Alessandra. (Org.). *A vida secreta dos objetos: Ecologias da Mídia*. 1ed. Rio de Janeiro: Azougue, 2016, v. 1, p. 28-42.

AMARAL, Adriana.; SOUZA, Rosana Vieira; MONTEIRO, Camila. **“De westeros no #vemprarua à shippagem do beijo gay na TV brasileira”**. *Ativismo de fãs: conceitos, resistências e práticas na cultura digital*. Galaxia (São Paulo, Online), n. 29, p. 141-154, jun. 2015.

BOLLMER, Grant. **Materialist Media Theory:** an introduction. London: Bloomsbury Academic, 2019. 175p.

BROUGH, Melissa M.; SHRESTHOVA, Sangita. **Fandom meets activism:** Rethinking civic and political participation. *Transformative works and cultures*, v. 10, 2012. Disponível em: <https://journal.transformativeworks.org/index.php/twc/article/view/303/265>. Acesso em: 6 de jul. 2024.

GOVARI, Caroline; VIEIRA, Eloy Santos; TABASNIK, Rafaela. **FÃ OU HATER? UMA APROXIMAÇÃO ENTRE OS ESTUDOS DE FÃS E A CULTURA DO CANCELAMENTO**. *Brazilian Creative Industries Journal*, v. 4, n. 1, p. 155-184, 2024.

HENNION, Anthony. **Music lovers.** *Taste as performance. Theory, Culture & Society*, v. 18, n. 5, dez. 2007. Disponível em: <https://www.semanticscholar.org/paper/Music-Lovers.-Taste-as-Performance-Hennion/570dd69303cf650bc8c1db541645b53a1e128aeb#citing-papers>. Acesso em: 6 jul. 2024.

HENNION, Antoine. **Pragmática do gosto.** *Desigualdade & Diversidade—Revista de Ciências Sociais da PUC-Rio*, v. 8, p. 253-277, 2011.

LISTER, Linda. **divatização:** A deificação das mulheres popstars modernas. In: SOARES, Thiago; LINS, Mariana; MANGABEIRA, Alan. (Org.). *divas pop: o corpo-som das cantoras na cultura midiática*. 1.ed. Belo Horizonte: Fafich/Selo PPGCOM/UFMG, 2020, v.1, p. 25-42.

MICHAELIS. **Musa.** [s.d.]. Disponível em: <https://michaelis.uol.com.br/moderno-portugues/busca/portugues-brasileiro/musa>. Acesso em: 5 de jul. 2024.

MONTARDO, Sandra Portella; VALIATI, Vanessa Amélia Dalpizol. **Streaming de conteúdo, streaming de si?** Elementos para análise do consumo personalizado em plataformas de streaming. Revista FAMECOS, [S. l.], v. 28, n. 1, p. e35310, 2021. Disponível em: <https://revistaseletronicas.pucrs.br/ojs/index.php/revistafamecos/article/view/35310>. Acesso em: 2 jul. 2024.

PEREIRA DE SÁ, Simone. **Somos Todos Fãs e Haters?** Cultura pop, afetos e performance de gosto nos sites de redes sociais. Revista ECO-pós, v. 19, n. 3, p. 50-67, 2016.

PEREIRA, Vinicius Andrade. **Comunicação na Era Pós-Mídia:** Tecnologia, mente, corpo e pesquisa neuromidiáticas. Porto Alegre: Sulina, 2021. 111p.

POLIVANOV, Beatriz Brandão. **Identidades na contemporaneidade:** uma reflexão sobre performances em sites de redes sociais. Revista do Centro de Pesquisa e Formação, v. 8, p. 103-119, 2019.

RECUERO, Raquel. **Métodos Mistos:** Combinando Etnografia e Análise de Redes Sociais em Estudos de Mídia Social. Publisher: E-papers, 2016.

SOARES, Thiago. **divas pop:** o corpo-som das cantoras na cultura midiática. In: SOARES, Thiago; LINS, Mariana; MANGABEIRA, Alan. (Org.). *divas pop: o corpo-som das cantoras na cultura midiática*. 1.ed. Belo Horizonte: Fafich/Selo PPGCOM/UFMG, 2020, v.1, p. 25-42.

VAN DIJCK, José. **The culture of connectivity:** A critical history of social media. Oxford University Press, 2013.